

Presença e atuação musical feminina no Recife entre os séculos XIX e XX: apontamentos documentais a partir do Acervo Padre Jaime Diniz

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: Acervos Musicais Brasileiros

Wheldson Rodrigues Marques
Universidade Federal da Paraíba
wheldson.marques@academico.ufpb.br

Gilson Rodrigues Chacon de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
gilson.chacon2@hotmail.com

Resumo. Nesta comunicação, tratamos da documentação musicológica reunida no Acervo Padre Jaime Diniz sobre a atuação musical feminina no Recife entre os séculos XIX e XX. Partindo das 138 fichas onomásticas identificadas, além de um caderno com anotações de pesquisa, que representam parte importante do labor musicológico de Jaime Cavalcanti Diniz, este trabalho tem como objetivo analisar a representatividade feminina nos registros desse acervo como possível contribuição para os estudos em música e gênero. Os procedimentos adotados dentro desse propósito consistiram em etapas como: 1) o levantamento de informações sobre musicistas mulheres entre os documentos elaborados por Diniz; 2) a identificação dos registros no *corpus* documental; 3) a transcrição das fichas selecionadas; 4) análise e cotejo parciais entre elas e fontes que o musicólogo consultou para elaborá-las, cujo propósito foi buscar compreender o contexto da recolha documental feita pelo próprio musicólogo e, por fim; 5) selecionamos o caso da musicista Lisá Diniz para demonstrar como esse material pode apoiar futuros estudos acerca das trajetórias, papéis e criações musicais dessas mulheres. Reconhecemos que a temática é de interesse para os estudos de música e gênero, já que fontes e memórias sobre mulheres na música têm sido sistematicamente silenciadas. Por isso, organizar e disponibilizar informações sobre esses materiais de investigação, a partir de um olhar contra-hegemônico, pode contribuir para a construção de uma musicologia mais plural e inclusiva.

Palavras-chave. Acervo Padre Jaime Diniz, Documentação musicológica, Mulheres musicistas, Lisá Diniz.

Title. Female musical presence and activity in Recife between the 19th and 20th centuries: documentary notes from the Padre Jaime Diniz Collection

Abstract. This study examines the musicological documentation preserved in the Padre Jaime Diniz Collection concerning female musical activity in Recife between the 19th and 20th centuries. Based on the 138 identified onomastic research cards, as well as a notebook with research notes, which represent an important part of Jaime Cavalcanti Diniz's



musicological work, this research aims to analyze the representation of women in the collection's records as a potential contribution to music and gender studies. The procedures for this study consisted of the following steps: 1) gathering information on women musicians from documents compiled by Diniz; 2) identifying the relevant records within the documentary corpus; 3) transcribing the selected onomastic research cards; 4) analyzing and partially comparing them with the sources consulted by the musicologist to understand the context of the documentary collection compiled by the musicologist; and finally: 5) the case of musician Lisá Diniz was selected to demonstrate how this material can support future studies on the trajectories, roles, and musical creations of these women. This study recognizes that this topic is of interest to music and gender studies, as sources and memories about women in music have been systematically silenced. Therefore, organizing and making these research materials available, from a counter-hegemonic perspective, can contribute to the construction of more plural and inclusive musicology.

Keywords. Padre Jaime Diniz Collection, Musicological Documentation, Women Musicians, Lisá Diniz.

Introdução

Neste trabalho, tratamos de fontes de informação para o estudo da atuação musical de mulheres no Recife nos séculos XIX e XX, com base nas contribuições documentais do musicólogo Jaime Diniz (1924-1989) acerca dessa temática. Compreendemos que a necessidade de enfrentar a condição de apagamento a que são submetidas trajetórias e criações de mulheres na música – e a reiteração desse processo de silenciamento no campo da ciência – se coloca como desafio também na esfera das práticas arquivísticas e documentais e, portanto, nas dinâmicas de construção e disputa pela memória coletiva.

As etapas iniciais na construção do trabalho consistiram na identificação e exame de documentos de pesquisa que integram o Acervo Padre Jaime Diniz (APJD), recolhido à Biblioteca José Antônio Gonsalves de Mello (BJAGM) do Instituto Ricardo Brennand, em Recife. Esses documentos são um conjunto de 138 fichas e um caderno com anotações de pesquisa intitulado *Mulheres ou Nossas Compositoras – De Tereza Diniz a Argentina Maciel*. Ambos contêm informações coletadas e organizadas por Diniz no contato com diversas fontes, principalmente jornais que circulavam no Recife a partir do século XIX.

Apesar do esforço na identificação, coleta e organização de informações sobre a atuação musical feminina no Recife, Diniz não publicou especificamente sobre o assunto. Constam apenas algumas inserções em obras como as *Notas sobre o piano e seus compositores em Pernambuco* (Diniz, 1980) e *Um compositor italiano no Brasil: Joseph Fachinetti* (Diniz,



1986), que, embora não demonstrem o objetivo de desenvolver tal discussão, nos levam em diferentes passagens a presumir várias possibilidades de pesquisa sobre o tema.

Concluímos que havia necessidade de gerar acesso à informação organizada por Diniz com relação àquelas trajetórias musicais. Desenhou-se, assim, uma linha de trabalho com o fim de garantir a disponibilidade de tais informações para consulta pública. Isso nos levou a transcrever as fichas sobre mulheres presentes no *Fichário Manuscrito Onomástico 1* (PJD-FMO 1) e proceder com o escrutínio inicial das indicações às fontes que o musicólogo consultou, cotejando manuscritos, fontes hemerográficas e livros para fornecer um quadro inicial das possibilidades documentais a uma investigação acerca do tema das mulheres e suas práticas musicais.

O trabalho relacionado às fichas do APJD e a comparação das informações nos permitiu disponibilizar, como anexo à presente comunicação, a transcrição do conteúdo das 138 fichas e apresentar o caso da musicista Lisá Diniz como exemplo das potencialidades documentais para estudo sobre as vivências e práticas musicais de mulheres no Recife. A intenção deste trabalho é, portanto, trazer à luz o Acervo Padre Jaime Diniz como um meio possível para análises que apoiem novas pesquisas em música e gênero e também para que possamos, considerando o universo que o musicólogo investigou a partir dessa temática, compreender quem foram essas mulheres, que atividades musicais exerceram, em que espaços circularam e como constituíram e articularam suas redes e seus recursos.

Estudos históricos sobre mulheres musicistas: reconstrução de vivências e memórias silenciadas

Entre os avatares que conformam e orientam a pesquisa histórico-musical, o homem se constituiu como subjetividade dominante – de uma ponta a outra, ou seja, musicólogos homens recorrentemente pesquisam músicos homens, completando assim o ciclo do chamado patriarcado musical (Green, 2001 *apud* Tanaka, 2018, p. 4). Memórias sobre mulheres que se dedicaram à música no passado permanecem, muitas delas, silenciadas. Suas vivências, mais que as masculinas, vão se apagando, o que engendra por sua vez um sistemático processo de invisibilização e esquecimento das suas trajetórias e criações musicais.



Esse não é um fenômeno local, tampouco tem sua origem dentro do recorte de tempo aqui assinalado. Clara Albuquerque (2019), por exemplo, nos apresenta um quadro representativo do rápido esquecimento de mulheres que atuaram musicalmente na França nos séculos XVII e XVIII – professoras, performers e compositoras cujas atividades não costumam figurar na tradicional historiografia da música (Albuquerque, 2019, p. 64-65).

No Brasil, importantes avanços ocorrem no sentido de enfrentar o problema, numa onda coletiva que se vem estruturando desde o final da década de 1970 e que passa a se consolidar com maior força a partir dos anos 2000 (Zerbinatti; Nogueira; Pedro, 2018). No que diz respeito às experiências vividas por mulheres musicistas no Rio de Janeiro, por exemplo, foram desenvolvidas algumas pesquisas de fôlego, como os trabalhos de mestrado de Aline Souza (2013) e de doutorado de Patricia de Amorim Paula (2022).

Para além disso, iniciativas importantes no que se refere à pesquisa em gênero e música vêm acontecendo a partir de diversas outras temáticas e especialidades. Esse movimento fica demonstrado, por exemplo, nos trabalhos que foram publicados no dossiê “Música e Mulheres”, incluído na *Revista Vórtex* (Requião; Rocha, 2025, p. 2-3).

Os avanços são muitos e é fundamental destacá-los. Contudo, a propósito de Pernambuco, é preciso ressaltar, a situação não é muito diferente daquela referida por Thais Rabelo (2023) sobre a pesquisa voltada à presença feminina na música em Sergipe no século XIX, que, segundo a autora, dá os passos iniciais sob condições não incomuns, pois constituídas pela dificuldade com relação às fontes – para Rabelo (2023, p. 341), “um dos principais obstáculos nesse empreendimento no presente”.

Atendo-se a um recorte espacial mais próximo ao nosso, cabe citar como vozes que têm ajudado a quebrar esse silêncio as contribuições dadas por Karuna De Paula, Felipe Souza e Sérgio Deslandes em *Ópera no Recife: vozes, bastidores, espectadores* (2022, Cf. p. 44-46), do qual se percebe uma particular preocupação com o tema das mulheres nesse campo de atuação artística.

A despeito desses e de outros importantes avanços realizados, a produção nesse campo de investigação, no presente, é ainda marcada por um caráter lacunar. Gerar ações que promovam o contato com fontes que possibilitem o desenvolvimento de novas pesquisas é por isso passo necessário para continuarmos a enfrentar o problema.



Ações documentais de Jaime Diniz para a pesquisa musicológica sobre mulheres musicistas

Integram o APJD documentos textuais de diversas espécies e tipos. Há desde recibos manuscritos assinados por músicos que prestaram serviços a irmandades de Olinda e Recife, a centenas de cartas remetidas a Jaime Diniz, assim como datiloscritos com versões preliminares dos textos que o musicólogo viu depois publicados e, o que nos interessa em particular, seus manuscritos com anotações de pesquisa, nem todas publicadas – notas, transcrições, indicações de fontes e outros tipos de informações coletadas durante suas atividades de investigação documental.

Cadernos, fichários onomásticos e pastas, em razão da sua finalidade, são parte da documentação mais diretamente ligada às atividades de trabalho científico e produção de conhecimento colocadas em prática por Jaime Diniz, sobre músicos, sua formação, atuação profissional, condições e desafios no mundo do trabalho, criações, recursos e redes de interação e circulação social.

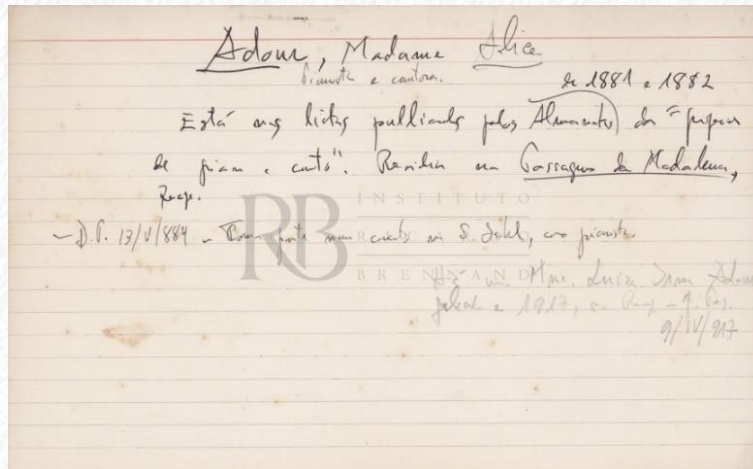
Fichas manuscritas onomásticas – de Alice Adour a Carolina Wanimel

O PJD-FMO 1 consiste em uma subsérie documental do APJD composta de 911 fichas e alguns recortes de jornal ou papéis com anotações adicionais em anexo, relacionados aos indivíduos estudados por Jaime C. Diniz. Contém diversas informações e referências a respeito da atuação de dezenas de mulheres que, no Recife, trabalharam com música a partir do século XIX. Foi-nos possível identificar, até o presente momento, 138 fichas.¹ Os nomes citados no título desta seção, de Alice Adour e de Carolina Wanimel, corresponde ao primeiro e último itens dentro desse recorte temático: PJD-FMO 1.001 (Figura 1) e PJD-FMO 1.907, respectivamente.

¹ Outras ocorrências poderão ser acrescidas, já que ao examinar algumas fichas não foi possível precisar o gênero das pessoas cujos nomes correspondem aos cabeçalhos. Exemplo disso são os itens PJD-FMO 1.038 (Aquino, J. P.) e PJD-FMO 1.186 (Cavalcante, J.). Ressaltamos que na conjuntura histórico-social abordada nos fichários não estavam em pauta, como hoje, discussões sobre identidades de gênero e, assim, prevalecia a tradicional divisão binária para identificação das pessoas: o que hoje entendemos como homens e mulheres cisgênero. Também não se deve ignorar os pseudônimos adotados por mulheres como tática em contextos nos quais a participação feminina não era desejada ou possível. Argentina Barbosa Viana Maciel, por exemplo, adotava o pseudônimo “Meilton Viana”, com o qual assinou o tango carnavalesco *O Vermutin* (Argentina [...]).



Figura 1 – Ficha sobre Alice Adour



Fonte: Biblioteca José Antônio Gonsalves de Mello, Acervo Padre Jaime Diniz, PJD-FMO 1.001

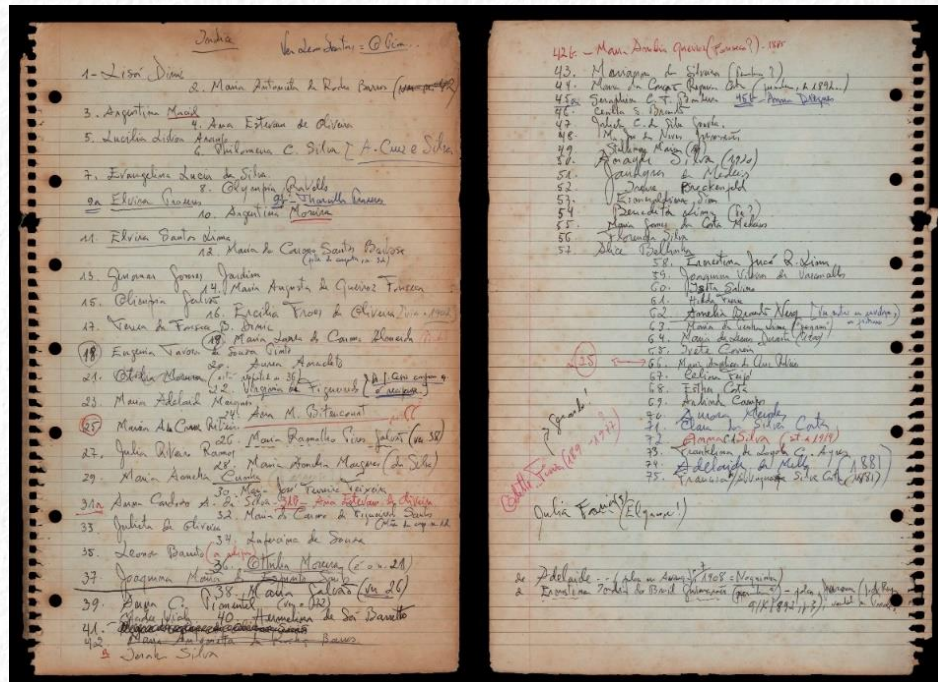
Por meio da imagem acima, que remete à pianista e cantora Alice Adour, visualizamos a estrutura que configura a maior parte das fichas onomásticas em PJD-FMO 1. Apresentam, em geral: cabeçalho correspondente ao nome do indivíduo pesquisado; abaixo, informações sobre formação e atividades desempenhadas (se professora, compositora, instrumentista, cantora etc.); em seguida, conteúdos extraídos das fontes consultadas pelo musicólogo, acompanhados de indicações para sua localização – na ficha acima o *Diário de Pernambuco* em edição do dia 13 de maio de 1884 (“D. P.” 13/V/884”) (Cf. Theatro [...], 1884, p. 5).

Caderno *Mulheres ou Nossas Compositoras* – De Tereza Diniz a Argentina Maciel

Para além das fichas, há pelo menos outro documento no acervo do Padre Jaime Diniz que indica um interesse nutrido pelo musicólogo com relação às trajetórias musicais de mulheres que viveram e atuaram no Recife. Trata-se de um caderno de pesquisa intitulado *Mulheres* (como encontramos na capa) ou *Nossas Compositoras – De Tereza Diniz a Argentina Maciel* (como está no verso) (Figura 2), datado de 1980, cujo “Índice” nos apresenta dezenas de nomes numerados e 1 a 75.²

² O número 9 corresponde a duas mulheres, Elvira Prazeres e Tharcilla Prazeres, assim como o 31, para Anna Cardoso A. da Silva e Ana Estevam de Oliveira, e o 42, para Inah Silva e Maria Amelia Queiroz. O número 21 remete ao 36, ambos referindo-se a Otilia (ou Othilia) Moreira. Temos enfim uma lista de 77 nomes.

Figura 2 – Caderno *Mulheres ou Nossas Compositoras* – De Tereza Diniz a Argentina Maciel



Fonte: Biblioteca José Antônio Gonsalves de Mello, Acervo Padre Jaime Diniz, PJD-CAD 0014

No caderno e no fichário, constatamos que entre as principais fontes utilizadas pelo musicólogo estão periódicos que circulavam no Recife nos séculos XIX e XX, como o *Diário de Pernambuco*, o *Jornal do Recife* e o *Jornal Pequeno*. Além dessas fontes, Diniz se debruçou sobre material bibliográfico, recorrendo a um conjunto de autores que incluía Vincenzo Cernicchiaro, Flávio Guerra, Mário Sette e Leonardo Dantas Silva, para citar alguns.

Tratamento e investigação das informações sobre mulheres nas fichas

Neste trabalho, destacamos o tratamento dado às fichas e o escrutínio com relação às fontes hemerográficas nelas indicadas. A transcrição das fichas foi feita a partir das suas representantes digitais.³ O cotejo documental, por sua vez, ocorreu por meio da consulta às reproduções de periódicos na Hemeroteca Digital Brasileira (HDB). A seguir, descrevemos os caminhos metodológicos adotados.

³ A digitalização seguiu *Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes* (Arquivo Nacional, 2010, p. 17) para reprodução de manuscritos com presença de cor: reprodução colorida; em TIFF sem compressão, resolução de 300 dpi e margem preta de pelo menos 0,2 cm ao redor do documento.

Transcrição das fichas sobre mulheres

Baseamos a transcrição principalmente nas “Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos” incluídas em *Noções de Paleografia e Diplomática*, de Ana Berwanger e João Leal (2008, p. 97-104), e nas “Normas para transcrição” em *A escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*, de Vera Acioli (2003, p. 59-60). Algumas das contribuições normativas fornecidas nesses manuais foram adotadas com adaptações, em vista das características próprias dos documentos. Abaixo, listamos os parâmetros estabelecidos, suas diretrizes e exemplos de aplicação:

- i. Números romanos, utilizados por Diniz para indicação de meses, foram reproduzidos de acordo com a forma estabelecida nas fichas (Berwanger e Leal, Seção Grafia, item 1.6; Acioli, norma o). Ex.: “13/V/1884”.
- ii. Abreviaturas e datas foram desenvolvidas e os elementos acrescidos foram sublinhados (Berwanger e Leal, Seção Grafia, item 1.8; Acioli, norma l). Ex.: “J. Peq.” por “Jornal Pequeno”; “9/IV/917” por “09/IV/1917”.
- iii. Em razão do parâmetro ii, foram transcritos em negrito os elementos que, no original, estão sublinhados, evitando-se que fossem confundidos com os acréscimos nas abreviaturas, estes sublinhados por sua vez na transcrição (parâmetro baseado nas características dos documentos). Ex.: “Residiu na Passagem da Madalena” no original por “Residiu na **Passagem da Madalena**” na transcrição.
- iv. Quando houve leitura duvidosa de uma palavra, um sinal de interrogação foi inserido entre colchetes e em itálico depois da mesma (Berwanger e Leal, Seção Grafia, item 1.13). Ex.: “Ana Carmo [?]”.
- v. Elementos ilegíveis foram suprimidos e substituídos pelo termo “ilegível” em itálico e entre colchetes (Berwanger e Leal, Seção Convenções, item 2.2). Ex.: “Artigo de [ilegível]”.
- vi. A ortografia foi mantida, sem correções ou atualizações gramaticais, conforme o conteúdo original das fichas (Berwanger e Leal, Seção Grafia, item 1.17; Acioli, norma a). Ex.: “Danza burlesca”.



- vii. A ausência de acentuação foi mantida conforme o conteúdo original das fichas (Berwanger e Leal, Seção Grafia, item 1.14). Ex.: “musica”; “lírica”; “publico”.
- viii. Mudanças de linha foram indicadas por barra vertical seguida de número correspondente à linha da ficha em negrito (parâmetro adaptado da forma de apresentação das transcrições em Acioli). Ex.: “|1”.
- ix. Passagens do conteúdo das fichas da frente ao verso foram indicadas por barra vertical dupla seguida do número 1 (reiniciando assim a sequência numérica) em negrito. Ex.: “||1”.

Segundo Acioli (2003, p. 60), transcrições, ainda que conduzidas com rigor e pela busca por uma “exatidão escrupulosa”, não devem ter a “pretensão de infalibilidade”. Assim, o documento gerado não está isento da necessidade de posteriores depurações.

Escrutínio documental via cotejo entre fichas e fontes hemerográficas

O cotejo entre as fichas e as fontes hemerográficas utilizadas por Jaime Diniz, processo ainda em andamento, tem apresentado múltiplas funções. Visa a auxiliar na resolução dos casos duvidosos que surgiram durante a transcrição, já que a consulta às fontes utilizadas pelo musicólogo ajuda a identificar e esclarecer termos que, nos manuscritos, se apresentaram ilegíveis, ou cuja compreensão foi imprecisa. É também um caminho à elaboração de repertórios (hemerográfico, bibliográfico e iconográfico) que possam servir como instrumentos de pesquisa para pessoas que queiram reconstruir trajetórias e sociabilidades das mulheres presentes na documentação organizada por Diniz. Cabe dizer que as buscas realizadas na HDB forneceram grande quantidade de ocorrências que não aparecem nas fichas em PJD-FMO 1 para os nomes das musicistas. Por outro lado, há fontes mencionadas pelo musicólogo cujos periódicos não se estão hoje disponíveis no repositório.

Buscas na HDB têm seus próprios desafios. Um deles diz respeito à recuperação da informação por reconhecimento ótico de caracteres (OCR). Distintas grafias dos nomes das musicistas são um contratempo nesse sentido. Informação fornecida sobre Alice Adour em PJD-FMO 1.001, por exemplo, corresponde a texto veiculado no *Diario de Pernambuco* de 13 de maio de 1884, onde consta a grafia “Adoud” (Theatro [...], 1884, p. 5). O mesmo ocorre com



o nome de Ana Albinda (PJD-FMO 1.003), que, no *Diario de Pernambuco*, em 25 de outubro de 1869, foi grafado como “Anna Albinola” (Musicas, 1869, p. 3), e com o de Emilia Amanti (PJD-FMO 1.024), que no mesmo jornal, em 29 de janeiro de 1842, foi grafado “Emilia , amante” (Theatro, 1842, p. 3). Nos casos em que não encontramos ocorrências para o nome como consta na ficha, foi preciso diversificar os termos de busca e/ou procurar a informação nas pastas do repositório com as diferentes edições do periódico para cada ano.

Em alguns casos, Diniz não indicou a fonte de onde teria retirado determinada informação. Acontece na ficha sobre Eugenia Ermelinda de Almeida (PJD-FMO 1.012), na qual registrou apenas: “Almeida, Eugenia Ermelinda de | Pianista do Recife. | Nascida em meados do sec. XIX”. Noutros, faz indicação unicamente a fontes representadas por um número – o que pode significar remissão à própria documentação de pesquisa do musicólogo, ainda não identificada, se for esse o caso. É o que ocorre nas fichas sobre: Stella de Almeida (PJD-FMO 1.018), “**Almeida, Stella de** (XX) | Fontes: Cf. n. 127” e; Leonila Ayres de Almeida (PJD-FMO 1.014), “**Almeida, Leonila Ayres de** | Soprano | Criadora da ‘Leonor’ de Euclides Fonseca. | Fontes: Cf. n. 197”.

A seguir, com o objetivo de apresentarmos um exemplo de como o trabalho pode se desenvolver dentro dessa sistemática, trazemos o caso da documentação e das fontes encontradas para uma investigação acerca da compositora, pianista e bandolinista Lisá Diniz.

Aparato documental para uma pesquisa sobre a musicista Lisá Diniz

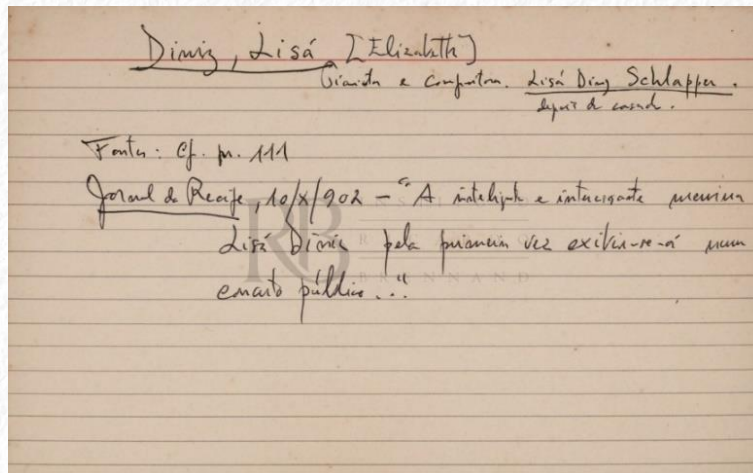
Para demonstrar as possibilidades de trabalho a partir da documentação musicológica de Jaime Diniz, utilizamos, ainda de forma fragmentária, o conjunto de informações por ele coletadas sobre Lisá Diniz, filha da já mencionada Tereza Diniz e irmã do flautista Carlos Diniz. A escolha dessa artista se deu pela diversidade de fontes que conseguimos acessar a seu respeito e porque suas vivências musicais parecem ter tido lugar de destaque entre os interesses do musicólogo. O caso de Lisá Diniz demonstra o potencial que a documentação carrega para fins de pesquisa musicológica.

A ficha correspondente à musicista é a de código PJD-FMO 1.285 (Figura 3). Contém informações biográficas, incluindo o nome de casada, “Schlapper”, papéis musicais que desempenhou (pianista e compositora) e notícia veiculada pelo *Jornal do Recife* em 10 de



outubro de 1902, sobre sua primeira apresentação em concerto público (Concerto, 1902, p. 1), além da indicação a uma fonte de número 111, não identificada.

Figura 3 – Ficha sobre Lisá Diniz



Fonte: Biblioteca José Antônio Gonsalves de Mello, Acervo Padre Jaime Diniz, PJD-FMO 1.285

A transcrição do conteúdo da ficha não trouxe maiores problemas quanto à sua legibilidade. O resultado foi o seguinte:

1 Diniz, Lisá [Elizabeth] | **2 Pianista e Compositora. Lisá Diniz Schlapper.** | **3 depois de casada.** | **4 Fontes: Cf. n. 111** | **5 Jornal do Recife, 10/X/1902 – “A inteligente e interessante menina** | **6 Lisá Diniz pela primeira vez exibir-se-á num** | **7 concerto público...”** || (Diniz, [19--])

A partir da fonte hemerográfica indicada, acessamos a HDB e, buscando pelo periódico *Jornal do Recife*, no período entre 1900 e 1909, encontramos 84 ocorrências para “Lisá Diniz” entre as quais a que corresponde à edição 231 do periódico, em que consta texto parcialmente transcrito por Jaime Diniz.

Sobre Lisá Diniz há fontes no APJD e em outros acervos. No conjunto recolhido à BJAGM, uma nota biográfica relativamente extensa sobre a musicista abre o caderno *Mulheres*. Nesse documento, acessamos dados de nascimento e morte de Lisá Diniz: Recife, 7 de abril de 1892; Rio de Janeiro, em 27 de agosto de 1932 (morreu, portanto, por volta dos 40 anos de idade). Houve também a correção do seu sobrenome de casamento para “Schlaepfer”.



Dos documentos musicográficos, encontramos manuscrito com obra intitulada *A Invasão*, com indicação de autoria a Lisá Diniz, para canto e piano, e exemplar de edição impressa da *Petite Tarentelle* para piano (Figura 4), composta pela mesma musicista.

Figura 4 – Petite Tarentelle, de Lisá Diniz



Fonte: Biblioteca José Antônio Gonsalves de Mello, Acervo Padre Jaime Diniz, PJD-PAR 0138.002-01

Por fim, a correspondência pessoal de Jaime Diniz inclui carta escrita por Eduardo Diniz Schlaepfer (emitida de Fortaleza, datada em 8 de julho de 1982). Filho de Lisá Diniz, o remetente soube do interesse do musicólogo “a respeito das vidas artísticas” de sua avó, Tereza, e de sua mãe, Lisá, por intermédio de Inah Diniz, sua prima, então residente no Recife. Ao mencionar o falecimento da musicista, “vítima de um acidente de automóvel, no Rio de Janeiro”, incidente que estava então prestes a completar 50 anos, Eduardo Schlaepfer imaginou a possibilidade de o padre realizar “alguma manifestação” em razão da data e, sendo o caso, solicitou:

[...] que disto me desse ciência, já que poderia ofertar, durante a solenidade em pauta, alguns manuscritos originais que ainda possuo, de músicas compostas e escritas por THEREZA DINIZ, mãe da pranteada homenageada e que, certamente constituem hoje um valioso testemunho de sua produtividade no reino da arte musical. (Schlaepfer, 1982)

Schlaepfer mencionou a existência de uma composição de sua mãe, intitulada *Meu Amor*, que teria escrito aos 10 anos de idade dedicando-a a Tereza, e concluiu:

Esses documentos vinham sendo conservados, com muito respeito e carinho, pelo meu irmão Roberto (também pianista) recentemente falecido. Desejaria que este acervo não viesse a ser perdido no futuro pelos nossos descendentes. Por isto estaria disposto a doá-lo, por seu intermédio, a uma instituição em que ficasse guardado e resguardado, podendo ser consultado por eventuais estudiosos da História da Música no nosso País. Uma dessas entidades a que me refiro poderia ser, - salvo melhor juízo, - a Biblioteca do Teatro Santa Izabel, no qual ambas tantas vezes se apresentaram; ou, quiçá, a de um Conservatório de Música de Recife, ou algo similar. (Schlaepfer, 1982)

Junto à carta havia fotocópia do frontispício de um *Hymno do Collegio Prythanco*, título que não encontramos entre as fontes musicográficas com autoria atribuída a Tereza Diniz já identificadas no APJD. Não sabemos que destino encontrou o acervo referido por Eduardo Schlaepfer. Talvez o tenha afinal transferido, total ou parcialmente, a Jaime Diniz. Ou é possível que as fontes musicográficas que hoje encontramos no acervo da BJAGM tenham proveniência distinta. A questão está portanto em aberto neste momento.

Por fim, um trabalho complementar foi a pesquisa iconográfica, cujo primeiro passo foi consultarmos o Portal Domínio Público e o Acervo Digital da Fundação Joaquim Nabuco. Encontramos duas fotografias de Lisá Diniz, uma de quando era criança (Figura 5) e a outra relacionada ao seu casamento (Figura 6). Observe-se que um erro na grafia do nome na segunda fotografia, “Elibeth”, é fator que dificulta a recuperação do documento pelo mecanismo de busca.



Figura 5 –Elizabeth Borges Diniz, por Flósculo de Magalhães



Fonte: Acervo Digital da Fundaj, Coleção Francisco Rodrigues, FR-02947

Figura 6 – Elibeth Borges Diniz [Pianista], por J. J. Oliveira



Fonte: Acervo Digital da Fundaj, Coleção Francisco Rodrigues, FR-02948

Todo esse processo proposto se beneficia, ao final, do tratamento técnico dado pela BJAGM aos documentos do APJD, que visa a disponibilizar as informações ao público juntamente com as imagens capturadas no Laboratório Digital, incluídas como “Conteúdo digital” nas fichas catalográficas geradas pelo SophiA Biblioteca, sistema utilizado para a catalogação dos itens do acervo. Assim, pesquisadoras e pesquisadores poderão acessar os próprios documentos e, a partir deles, desenvolver e ampliar investigações sobre as agências musicais de mulheres no Recife.

Considerações finais

Desigualdades e privilégios se expressam, difundem e sedimentam de muitas formas. O trabalho a partir de arquivos, que são também sistemas de representação do social, muitas vezes assume, recoloca e reforça essas desigualdades e privilégios na esfera da memória, legitimando-os e os normalizando no discurso científico. O deslocamento das práticas arquivísticas e informacionais para posições e enunciados contra-hegemônicos significa, assim, ajudar a construir sensibilidades outras, que não aquelas eurocentradas, estritamente custodiais e patriarcais.

Quanto às discussões em música e gênero, os desafios da atualidade passam pela recondução dos enunciados sobre a participação das mulheres nas mais diversas esferas da atividade humana. No campo da música, ainda fortemente marcado pelo domínio do homem branco como figura paradigmática e evocadora da genialidade musical, permanece em silêncio toda uma pluralidade de vivências e criações que estão para além desse recorte ainda fortemente privilegiado. Superar esse paradigma, em termos históricos, implica buscarmos essa pluralidade também nos arquivos e em outros lugares de memória.

Às questões de gênero, se somam desafios diversos. Quanto mais afastadas da normatividade euro-cristã moderna, mais ausentes ou abafadas permanecem as vozes das muitas mulheres cujas crenças, saberes, fazeres e sensibilidades mal caberiam nos diversos enquadramentos impostos: naqueles próprios das dinâmicas sociais com as quais interagem e, também, nos esquadrinhamentos que nós, pesquisando, realizamos a partir de uma racionalidade e de um léxico que, eles mesmos, denunciam posições discursivas marcadas por



hierarquizações, expressas por exemplo nos termos com os quais nos habituamos a operar na pesquisa histórico-musical. Em geral, esperamos encontrar resultados sobre “compositores”, “pianistas”, “violinistas”, “sinfonias”, “óperas”, “teatros” e “conservatórios”. Reconhecer essa complexidade é fundamental se quisermos enfrentar dualismos, simplificações e autossugestões na construção do relato científico.

O trabalho com acervos musicais, quando disposto a envolver-se e engajar-se com a pluralidade das vidas e criações musicais que deixaram vestígios, precisa estar aberto a uma intensa busca pelo “não dito” e por aquilo que foi lançado às margens no que tange às nossas representações de mundo. Muitas mulheres, dentro das possibilidades e condições objetivas que marcaram suas vidas, romperam limites impostos por agentes sociais que, sistematicamente, as lançavam (e hoje ainda lançam) a um lugar de subalternidade. Reconstruir criticamente suas memórias é gerar, no universo científico, movimentos outros de ruptura.

Referências

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. 2.ed. Recife: Editora Massangana, 2003. 308 p.

ALBUQUERQUE, Clara Fernandes. Mulheres musicistas na França durante os séculos XVII e XVIII. In: SEMANA DO CRAVO, 16, 2019, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2019. p. 64-72. Disponível em: https://ppgm.musica.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/07/anais_xvi-semana-do-cravo.pdf. Acesso em: 21 jun. 2025.

ARGENTINA Maciel. In: *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. [S.l.]: [s.n.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/argentina-maciel/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípides Franklin. *Noções de paleografia*. 3.ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2008. 128 p.

CONCERTO. *Jornal do Recife*, ano 45, n. 231, p. 1, 10 out. 1902. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/705110/44990>. Acesso em: 18 jul. 2025.

DE PAULA, Karuna Sindhu; SOUZA, Felipe Azevedo e; DESLANDES, Sérgio. *Ópera no Recife: vozes, bastidores, espectadores*. 2.ed. Recife: CEPE; Titivillus, 2022. 248 p.

DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Adour, Madame Alice*. Ficha manuscrita onomástica, [S.l.], [19--]. Acervo Padre Jaime Diniz, Instituto Ricardo Brennand, PJD-FMO 1.001.



DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Albinda, Ana*. Ficha manuscrita onomástica, [S.l.], [19--]. Acervo Padre Jaime Diniz, Instituto Ricardo Brennand, PJD-FMO 1.003.

DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Almeida, Eugenia Ermelinda de*. Ficha manuscrita onomástica, [S.l.], [19--]. Acervo Padre Jaime Diniz, Instituto Ricardo Brennand, PJD-FMO 1.012.

DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Almeida, Leonila*. Ficha manuscrita onomástica, [S.l.], [19--]. Acervo Padre Jaime Diniz, Instituto Ricardo Brennand, PJD-FMO 1.014.

DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Almeida, Nysia Nobre de*. Ficha manuscrita onomástica, [S.l.], [19--]. Acervo Padre Jaime Diniz, Instituto Ricardo Brennand, PJD-FMO 1.017.

DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Almeida, Stella de*. Ficha manuscrita onomástica, [S.l.], [19--]. Acervo Padre Jaime Diniz, Instituto Ricardo Brennand, PJD-FMO 1.018.

DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Amanti, Emilia*. Ficha manuscrita onomástica, [S.l.], [19--]. Acervo Padre Jaime Diniz, Instituto Ricardo Brennand, PJD-FMO 1.024.

DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Aquino, J. P.* Ficha manuscrita onomástica, [S.l.], [19--]. Acervo Padre Jaime Diniz, Instituto Ricardo Brennand, PJD-FMO 1.038.

DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Azevedo, E. Pereira de*. Ficha manuscrita onomástica, [S.l.], [19--]. Acervo Padre Jaime Diniz, Instituto Ricardo Brennand, PJD-FMO 1.061.

DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Cavalcante, J.* Ficha manuscrita onomástica, [S.l.], [19--]. Acervo Padre Jaime Diniz, Instituto Ricardo Brennand, PJD-FMO 1.186.

DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Diniz, Lisá [Elizabeth]*. Ficha manuscrita onomástica, [S.l.], [19--]. Acervo Padre Jaime Diniz, Instituto Ricardo Brennand, PJD-FMO 1.285.

DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Mulheres ou Nossas Compositoras – De Tereza Diniz a Argentina Maciel*. Caderno, [S.l.], 1980. Acervo Padre Jaime Diniz, Instituto Ricardo Brennand, PJD-CAD 0014. 95 f.

DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Notas sobre o piano e seus compositores em Pernambuco*. Recife: Ed. Coro Guararapes do Recife, 1980. 54 p.

DINIZ, Jaime Cavalcanti. *Um compositor italiano no Brasil: Joseph Fachinetti*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.

DINIZ, Lisá. *A Invasão*; canto e piano. [S.l.]: [s.n.]. Partitura manuscrita. 8 f.

DINIZ, Lisá. *Petite Tarentelle*; piano. Recife: Lith. Allemã – Pernambuco, [19--?]. Partitura. 3 f.



MAGALHÃES, Flósculo de. *Elizabeth Borges Diniz*. [18--?]. 1 fotografia. Disponível em: http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=4360. Acesso em: 26 jul. 2025.

MUSICAS. *Jornal do Recife*, ano 11, n. 245, p. 3, 25 out. 1869. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/705110/4800>. Acesso em: 10 jul. 2025.

OLIVEIRA, J. J. *Elibeth Borges Diniz [Pianista]*. [19--]. 1 fotografia. Disponível em: http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=4361. Acesso em: 26 jul. 2025.

PAULA, Patricia Amorim. *Tramas do apagamento: notas sobre a formação e a atuação profissional de musicistas no Rio de Janeiro oitocentista*. Campinas, 2022. 288 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/229959/tramas-do-apagamento-notas-sobre-a-formacao-e-a-atuacao-pro>. Acesso em: 26 maio 2025.

RABELO, Thais F. V. Entre corporações e músicos em Sergipe oitocentista: em busca e um panorama da atividade musical provincial (1820-1889). In: *Histórias das músicas no Brasil: Nordeste*. Vitória: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2023. p. 310-351.

REQUIÃO, Luciana; ROCHA, Inês de Almeida. Mulheres e Música: à guisa de editorial. *Revista Vórtex*, v. 13, 1-6. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/vortex/article/view/11079>. Acesso em: 6 set. 2025.

SCHLAEPFER, Eduardo Diniz. [**Correspondência**]. Destinatário: Jaime Cavalcanti Diniz. Fortaleza, 8 jul. 1982. 1 carta.

SOUZA, Aline Santos da Paz de. *Atuação feminina no cenário musical do Rio de Janeiro (1890-1910)*. Rio de Janeiro, 2013. 124 f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://minerva.ufrj.br/F/?func=direct&doc_number=000802084&local_base=UFR01. Acesso em: 26 maio 2025.

TANAKA, Harue. Mulheres na música: uma trajetória de luta e invisibilidade através da lente de uma pesquisadora. *Claves*, João Pessoa, v. 2018, p. 1-25, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves/article/view/42277>. Acesso em: 26 maio 2025.

THEATRO. *Diario de Pernambuco*, ano 18, n. 23, p. 3, 29 jan. 1842. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/029033_02/2528. Acesso em: 15 jul. 2025.

THEATRO Santa Isabel: concerto vocal e instrumental com o concurso de exímios amadores e professores em benefício da Bibliotheca do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. *Diario de Pernambuco*, Recife, ano 60, n. 110, p. 5, 13 maio 1884.



Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/029033_06/10489. Acesso em: 10 jul. 2025.

ZERBINATTI, Camila Durães; NOGUEIRA, Isabel Porto; PEDRO, Joana Maria. A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais. **Descentrada**, v. 2, n. 1, p. 1-18, 2018. Disponível em: <https://descentrada.fahce.unlp.edu.ar/article/view/DESe034/>. Acesso em: 6 set. 2025.

